Paçô

Publicado no dia 29/06/2012

Bosquedos, prados, eirados, ventos brandos e estrépitos como que soltando blasfémias ou inauditos clamores, cristas e vales, pedregulhos desnudos ou esverdeados de líquenes, templos graníticos, casario centenário… tudo os nossos olhos filham ao horizonte a 13 km para as bandas do noroeste da sede do concelho de Moimenta da Beira. Paçô se chama esta terra.

A sua origem situa-se nas profunduras da pré-história, nos tempos da pedra polida do Neolítico. Permaneceu como aglomerado durante o período da proto-história e seguiu nos tempos romanos… que aí deixaram moedas. Tinha relações de proximidade com os aglomerados cercanejos. Sanfins, Mondim e Sever.

Viria a ser Couto afonsino, portanto coutado pelo primeiro rei aos irmãos Egas e Mem Moniz e, depois de senhoreado por várias mãos, viria a ser deixado à abadia dos cónegos regulares de Vila Boa do Bispo em Marco de Canavezes. É um lugar remoto, foi terra de relevo no contexto regional porquanto morada de senhores que aí tinham o seu *pallatiollo,* ou palacete.

Dos irmãos Moniz deve o couto ter passado para as mãos das respectivas filhas, e destas para os seus sucessores, de tal maneira que em 1247 a bisneta de Egas Moniz doava ao abade de Salzedas, D. Guilherme, os bens e jurisdições que tinha em Paçô e Sanfins. Sobre a data de criação do *couto pallatiollo* há algumas pistas. Remonta, pelo menos, a 1152, aí exercendo jurisdição o bispo de Lamego. A ligação aos antístites lamecenses perdurou no tempo. Note-se em abono deste facto que, em 1227, D. Froilla Ermiges, já senhora do couto, concedeu ao bispo de Lamego o direito de pousada no *Pallatiollo*, caso ela estivesse ausente *"episcopus lamecensis pauset in eo, so voluerit, quando ego in ipsa terra non fuero".* Daí a lenda para a origem do nome: *Passou aqui o bispo? Passou,* ***passô***.

Não se sabe ao certo quando foi erecto em concelho. Sabe-se que no século XVI já existia com uma légua de cumprido e outra de largo. Há fortes razões para crer que o pelourinho seja inclusive do século anterior. Em 1527 o Cadastro da População do Reino confirmava este concelho mas dava Sanfins, Granjinha, Sever, Arcas e Alvite, como pertencentes ao concelho de Leomil. Era Paçô, portanto, um pequeníssimo município com trinta moradores. Foi extinto, como tantos outros semelhantes, em 1834.

Tem uma Igreja do século XVII que incorpora no arco da capela lateral uma pedra brasonada bastante imperfeita, com armas que Monsenhor Bento da Guia conjecturou pertencerem à família Pinheiro de Aragão, de Lamego, criatura que senhoreou esta terra. De facto, os Pinheiro de Aragão arrecadavam em 1758 um quarto de todos os rendimentos da paróquia. A inscrição já delida, que existe no mesmo espaço, com uma data que Mário Guedes Real afiançou tratar-se de 1580, dizendo que aí se sepultara o cavaleiro da Ordem de Cristo Diogo de Azevedo, faz crer que a Igreja remonta pelo menos a essa época, apenas tendo sido restaurada no século XVII como a maioria dos templos da região. Mas outros templos católicos aqui existem, nomeadamente capelas de nota artística.

Digno de menção é ainda o Pelourinho de extravagante postura, tosco aspecto, proporções modestas e construção artística singela. Assenta numa fraga e situa-se num pequeno largo bordejado de casario rústico, também granítico.

Os elementos referidos são uma enorme valia para esta terra. Vejo a cultura perene destas pátrias-mátrias como açucenas sem mácula. Necessitamos tanto dela como o cego de bordão!

Sanfins

Publicado no dia 13/07/2012

Sanfins é terra ancestral que remonta à pré-história, mas os pedaços mais célebres que atestam o seu passado situam-se nos períodos do bronze e do ferro e alongam-se pelos tempos das civilizações clássicas. No seu castro muralhado, intitulado castro de *Paredes Secas* nos idos do século XIII, e até tempos recentes designado pelos moradores da freguesia Cabeço do Castro, Outeiro do Castro, Pico do Castro ou Monte do Castro, onde só se podia entrar pelo lado do Norte ou pelo lado do Sul, foram inúmeros os objectos que testemunham o povoamento remoto, como machados de pedra; seixos redondos; percutores; mós; pesos de tear; instrumentos de arremesso; fragmentos de vasos de barro; fragmentos de loiça ornamentada; *tegulae*; cossoiros de barro; fíbulas, fivelas, lâminas e agulhas de bronze; contas de vidro; medalhas de prata cunhadas em Roma. Posteriormente foi tomado pelos mouros e mais tarde ainda reavido pelos cristãos. Viria a ser terra também de ilustres figuras como o capitão-mor Manuel de Vasconcelos Pereira Bravo o sargento-mor João Lucas Cortez Pinto e Vasconcelos e já na transição da monarquia para a República, o padre e historiador António Mendes Cardoso.

Ir a Sanfins e não subir ao castro é como ir a Roma e não ver o papa. Trepamos pela velha serventia. Vereda calcorreada pelo homem primitivo por entre o denso bosquedo. No alto do monte, superfície castreja de muros robustos imperecíveis à matemática do tempo, um miradouro em terrapleno, debruçado à aldeia que dali se contempla na sua mais representativa área. E para lá dela, até ao horizonte infindo, um panorama maravilhoso, vastíssimo, onde se fundem terras de além com terras de aquém, cuja contemplação invade pela grandiosidade da paisagem, fascina pelo encantamento que traz ao olhar, deslumbra pela alegria com que presenteia a alma.

Este quadro magnificente foi o poiso escolhido pelos antepassados remotos que construíram este castro. Ali labutaram pela sobrevivência, lançando as raízes do povoamento do território. A vida nesses tempos ancestrais era áspera, laboriosa, exigindo esforço estrénuo e demorado. Mas o sítio foi escolhido a preceito. Quando os dias são claros, ali o sol dardeja os seus feixes de luz por extensões imensas que se imiscuem em explosões luminescentes e se fundem, confundem e unem, iludindo as distâncias e deixando ver, a custo, os acidentes do solo, as manchas da vegetação e as obras do engenho humano. Colinas, vergéis, matagais, muros, valados, estradas, pontes, tudo aparece impreciso, difuso e de limitada grandeza.

No solo granítico, milenar, aposto naquele marchetado tapete natural de variegado colorido, vêm-se rochedos de inconcebível variedade de desenhos, tisnados pelo mugre dos séculos. Abunda um arvoredo denso, uma floresta centenar, que veste montes e vales, ponteando o território e erguendo os braços para o céu, fazendo deste território pedregoso um sítio airoso. Os campos de cultivo são férteis e intermedeiam-se com os arranjos urbanísticos. Em tempos mais remotos o íncola pedia ao mato e à água doce a sua nutrição essencial. Gramíneas, poucas conheceria, e sendo certo que as árvores de fruto deviam beneficiar de um ambiente mais favorável que hoje, não eram elas que lhe abasteciam o celeiro.

No fundo… Sanfins é uma das madrigueiras da Beira de dilectas falperras alpestres onde ainda é possível descobrir os encantos da natureza como solar do homem primitivo que outra telha não tinha que o céu estrelado.